



Denise Guilherme

O GUARDADOR
DE MEMÓRIAS

PROJETO DE LEITURA

Elaboração: Tom Nóbrega
Coordenação: Maria José Nóbrega



Árvores e tempo de leitura

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?*¹

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpecenos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam *coisas futuras*.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

*Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer”.*²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das rela-

ções interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ In *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que

pertence, analisando a temática, a perspectiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor.

Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos linguísticos que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero: Palavras-chave: Áreas envolvidas: Temas transversais: Público-alvo:

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto, bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa, etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

◆ *nas tramas do texto*

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas, etc.

◆ *nas telas do cinema*

- Indicação de filmes, disponíveis em VHS ou DVD, que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

◆ *nas ondas do som*

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

◆ *nos enredos do real*

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

- ◆ do mesmo autor;
- ◆ sobre o mesmo assunto e gênero;
- ◆ leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.

Denise Guilherme

O GUARDADOR DE MEMÓRIAS

UM POUCO SOBRE A AUTORA

Denise Guilherme nasceu em Osasco, em 1976. Mestre em Educação pela PUC-SP, já lecionou para o Ensino Fundamental I e para o Programa Especial de Formação Superior da FITO-Osasco. Entre as várias atividades que realizou na carreira, está o trabalho como assessora especialista em formação de leitores e projetos de leitura, prestando serviços para importantes instituições privadas da área educacional, bem como para instituições públicas. Foi selecionadora dos trabalhos da área de Língua Portuguesa do Prêmio Professor Nota 10 e formadora do Programa Ler e Escrever, da Secretaria Estadual de São Paulo.

Em 2019, tornou-se membro do corpo de jurados do Prêmio Jabuti na categoria Livro Infantil. Atualmente compõe a equipe de A Taba, empresa da qual foi a idealizadora e que é especializada em curadoria de livros infantis e juvenis com foco na formação de leitores. Denise é professora no curso de Pós-graduação de Literatura para crianças e jovens, do Instituto Vera Cruz.

RESENHA

Em um pequeno povoado, “onde tudo parecia faltar à primeira vista”, nasce um menino com orelhas em formato de concha. Tudo parece faltar, mas não faltam histórias e palavras: desde pequeno o menino se recorda de tudo o que contam sobre seu povo, seus ancestrais e os deuses que guiam seus caminhos. Logo cedo, o garoto começa a esculpir potes de cerâmica para guardar as histórias que ouve. Assim, basta deitar as orelhas sobre o recipiente escolhido e as narrativas escorrem para dentro. Mais tarde, enquanto outros jovens da mesma idade escolhem viajar para longe, ele opta por permanecer na aldeia, para proteger as histórias.

Tudo isso, porém, se transforma radicalmente quando chegam os estrangeiros, que, sem piedade, tomam as casas, as terras e os tesouros daquele povo, destruindo um por um os potes de histórias. No momento em que os forasteiros impõem suas palavras e seus costumes aos nativos, o menino, agora um homem, acaba fugindo e deparando-se

com a imensidão do mar pela primeira vez. Ali, depois de chorar copiosamente, coloca uma concha no ouvido e pouco a pouco volta a ouvir as palavras que haviam sido perdidas.

Em *O guardador de memórias*, Denise Guilherme procura, em uma narrativa delicada e repleta de simbolismo, levar os leitores a refletir sobre a experiência devastadora da colonização. Ainda que a narrativa opte por não nomear povos e lugares, ela nos leva a contemplar os acontecimentos através dos olhos (e dos ouvidos) de um garoto que se interessa profundamente pelas narrativas do seu povo, um menino que, mais tarde, testemunha o seu mundo e suas cerâmicas serem destruídos. A temporalidade da trama, muito embora acompanhe o protagonista do nascimento até a vida adulta, evoca, de maneira alegórica, o desenrolar de séculos antes e depois da chegada dos colonizadores europeus, terminando em um tempo de resgate, que poderia ser o tempo de hoje. Trata-se de uma obra que aborda de maneira delicada temas urgentes, um convite para que os jovens leitores mergulhem nos ricos, históricos e míticos universos indígena e quilombola.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: conto infantil

Palavras-chave: memória, narrativa, escuta, colonização, esquecimento, palavra, resgate

Componentes curriculares envolvidos: Língua Portuguesa, História

Competências Gerais da BNCC: 2. Pensamento científico, crítico e criativo; 3. Repertório cultural

Temas contemporâneos tratados de forma transversal: Educação em direitos humanos, Diversidade cultural

Público-alvo: Leitor em processo (2º e 3º anos do Ensino Fundamental)

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Revele aos alunos o título do livro – *O guardador de memórias*. De quais recursos seus alunos fazem uso quando querem guardar algum acontecimento na memória? Fotografia, registros escritos, pequenos vídeos? Deixe que eles pensem um pouco a respeito.
2. Será que os alunos já pararam para pensar em como a memória funciona? Assista com eles ao vídeo do projeto Universidade das Crianças, da UFMG. Disponível em: <<http://www.universidadedascrianças.org/perguntas/como-conseguimos-lembrar-de-tantas-coisas/>> (acesso em: 11 jan. 2021).
3. Leia com os alunos o texto da quarta capa. Qual seria o “dom especial” do menino? De que maneira as crianças entendem a expressão “identidade de um povo”? Proponha que procurem, em diferentes dicionários, as definições de *identidade* e *povo*.
4. Leia com os alunos as biografias da autora e da ilustradora, nas páginas 45 e 47, escritas em primeira pessoa. Em seguida, desafie-os a redigir uma pequena autobiografia de apenas um parágrafo ou dois. Como se apresentariam por escrito?

Durante a leitura

1. Chame a atenção para a primeira frase do livro: “Naquele povoado distante, onde tudo parecia faltar à primeira vista [...]”. Veja se os alunos percebem como a expressão à *primeira vista* indica que pode haver algo de abundante e/ou precioso, porém pouco óbvio, naquele povoado.
2. Proponha aos alunos que prestem atenção nos indicadores de passagem do tempo, presentes tanto no texto quanto nas imagens.

3. A narrativa sofre uma reviravolta nas páginas 20 a 23. De que maneira as cores escolhidas pela ilustradora nessas páginas, em que predominam o preto e o vermelho, traduzem a violência dos acontecimentos?

4. Diga aos alunos que prestem atenção na maneira como o menino usa as cerâmicas, guardando nelas as histórias que ouve, e na importância que a concha do mar adquire no processo de resgate das memórias depois que as cerâmicas são quebradas pelos estrangeiros.

Depois da leitura

1. Será que os alunos se deram conta de que a narrativa é uma alegoria do processo de colonização, o qual afetou profundamente os povos originários do Brasil e do mundo afora? Leia com eles este esclarecedor material do site do Instituto Socioambiental (ISA), que problematiza os muitos estereótipos sobre o tema, alguns dos quais costumam aparecer nos livros didáticos. Disponível em: <<https://mirim.org/pt-br/antes-de-cabral>> (acesso em: 11 jan. 2021).

2. Na América pré-colombiana, os Maias, povo que vivia na região da Guatemala, Honduras e no sul do México, desenvolveram uma forma própria de escrita e registraram seus conhecimentos em uma série de livros, ou *códices*. A maior parte deles, porém, foi destruída pelos espanhóis durante a colonização. Sobre o assunto, assista com seus alunos a este vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XuO781sslek&t=201s>> (acesso em: 11 jan. 2021).

3. Para mergulhar um pouco mais nas histórias e narrativas dos povos indígenas brasileiros, leia com a turma os contos do livro *As serpentes que roubaram a noite e outros mitos*, de Daniel Munduruku, publicado pela Editora Peirópolis, com ilustrações

criadas pelas crianças Munduruku. Para se preparar para abordar a questão indígena com os alunos, desconstruindo estereótipos, sugerimos a leitura da entrevista com o autor. Disponível em <<http://www.bienal.org.br/post/3364>> (acesso em: 11 jan. 2021).

4. Para saber mais sobre a vida das crianças de diferentes povos indígenas, assista com a turma ao vídeo *Das crianças Ikpeng para o mundo*, em que crianças da etnia Ikpeng apresentam suas aldeias para crianças de outras culturas, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=28r1cj0xwEs>> (acesso em: 11 jan. 2021).

5. Para saber mais sobre o modo como as comunidades dos povos originários buscam preservar sua cultura e sua memória, vale a pena assistir a entrevista feita por Christian Wari'u, jovem *youtuber* Xavante, com Alínor Bakairi, liderança do povo Bakairi. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mhx4ys66JnU>> (acesso em: 11 jan. 2021).

6. Outras comunidades que tiveram suas memórias destroçadas durante o processo de colonização são as comunidades africanas que foram arrancadas de seus territórios para ser escravizadas. Um exemplo de resistência e memória no Brasil são os quilombos, comunidades autônomas construídas por pessoas escravizadas que conseguiram fugir para viver em liberdade. Para saber mais, leia com os alunos a reportagem do caderno Folhinha, disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folhinha/833155-quilombolas-contam-que-dona-de-escravos-malvada-virou-uma-enorme-serpente.shtml>> (acesso em: 11 jan. 2021) e assista ao vídeo *Disque Quilombola*, no qual as crianças quilombolas do Espírito Santo contam um pouco sobre seu modo de vida para as crianças que vivem em Vitória, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GStv-f_bcfU> (acesso em: 11 jan. 2021).

7. Na página do Vimeo de Daniele Rodrigues, a professora mostra os vídeos do projeto Anime Nativo, uma série de animações sobre a temática indígena, criadas por alunos de uma escola pública do Rio de Janeiro. As animações foram assessoradas por representantes das etnias pesquisadas. Disponível em: <<https://vimeo.com/user35521947>> (acesso em: 11 jan. 2021). Que tal realizar um projeto semelhante, reunindo professores de diferentes áreas? É possível encontrar em PDF a cartilha do Anima Escola, projeto do festival de animação Anima Mundi, disponível em: <https://midiasstoragesec.blob.core.windows.net/001/2017/06/animaescola_cartilha2015_web-compressed.pdf> (acesso em: 11 jan. 2021). Pesquise se existem comunidades indígenas e/ou quilombolas próximas de seu município e verifique se algum representante teria interesse e disponibilidade de conversar

com os alunos e assessorá-los em um projeto como esse.

► da mesma autora

• Este é o primeiro livro de Denise Guilherme, mas é possível saber mais sobre seu trabalho como curadora de livros infantis no blogue do seu projeto A Taba: <<https://blog.ataba.com.br/author/denise/>>.

► do mesmo gênero

• *A história de Akykysia, o dono da caça*, de Rita Carelli. São Paulo: SESI.

• *Kaká Dorebu*, de Daniel Munduruku. São Paulo: Brinque Book.

• *Letras de carvão*, de Irene Vasco. São Paulo: Pulo do Gato.

• *Obax*, de André Neves. São Paulo: Brinque Book.

• *As fabulosas fábulas de Iauaretê*, de Kaká Werá Jecupé. São Paulo: Peirópolis.



LEITURA EM FAMÍLIA

A leitura, quando não é estimulada no ambiente familiar, acaba sendo percebida pelas crianças como uma prática essencialmente escolar. No entanto, estudos revelam que, se pais, avós, tios, padrinhos leem em voz alta com os pequenos e conversam a respeito do conteúdo lido, essas vivências ajudam as crianças a gostar de livros, aguçam a criatividade e diversificam sua experiência de mundo.

É por acreditar que a leitura deve ser vivenciada regularmente não apenas na escola que a Moderna desenvolve o programa "Leitura em família", para proporcionar uma interação cada vez maior com os filhos e se integrar mais com a escola na missão de educar.

No final do livro, é possível encontrar o *link* com sugestões para aproveitar o máximo desta obra em família.

Reforce essa ideia com a família de seus alunos!